

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PROBLEMAS, PRIORIDADES E PROJETOS

Cláudio de Moura Castro

1. O Brasil é um país profundamente heterogêneo: há muitos Brasis. Igualmente, não podemos supor que haja muito em comum nos problemas que encontra na educação. Todavia, parece haver dois focos de problemas recorrentes: excesso de disparidade e falta de qualidade.
2. Os grandes males da educação brasileira não resultam do que se faz errado hoje mas do que não se fez no passado. Começamos a levar educação a sério com alguns séculos de atraso. Embora nossa situação seja lastimável, jamais estivemos melhor do que hoje.
3. Gasta-se pouco e mal. Sistemáticamente, os gastos são regressivos, beneficiando aos ricos mais do que aos pobres. Por exemplo, uma pesquisa mostra que dentro da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, gastava-se três vezes mais com alunos da Zona Sul do que dos subúrbios. É preciso melhor distribuir esses gastos.
4. As tentativas de alfabetizar adultos tem obtido mínimos resultados. Apenas uma pequena parte dos analfabetos se sente o suficiente desconfortável nesta situação para inscrever-se em um curso e fração ainda menor tem o perfil que leva ao êxito nos cursos convencionais do MOBREAL. Devemos entender que para muitos, sobretudo em áreas rurais, o analfabetismo não chega a ser disfuncional.

* Embora o autor seja do CNRH/IPEA, as opiniões aqui contidas não refletem necessariamente posições da instituição.

5. A pré-escola oferece uma perspectiva de intervenção educativa em idade quando ainda se dá forte desenvolvimento intelectual. Ademais, a pré-escola é altamente bem-vinda pelas mães, por tomar conta e alimentar as crianças. Mas, inexplicavelmente, a pré-escola não cumpriu a sua promessa educativa nas experiências bem avaliadas. É preciso cautela ao propor a sua expansão, sobretudo quando se sabe competir com os recursos disponíveis para o 1º Grau.
6. Já existe há anos uma pré-escola clandestina na primeira série do 1º Grau. Ignorar esta solução improvisada é seguramente a pior solução.
7. O maior desastre da educação brasileira está na primeira série do 1º Grau. A grande meta deverá ser o aumento da matrícula na segunda série.
8. Pior do que deixar fora da escola é lesar, deixar frustrado e com o amor próprio chamuscado aqueles que entram e saem da escola sem aprender virtualmente nada. E esses são 50% dos que entram. Daí a prioridade maior é o aumento na matrícula na 2.ª série e não a expansão da faixa que algum dia vai à escola. A matrícula inicial hoje já é bastante elevada.
9. O grande problema não é a repetência, mas a deserção. No ponto em que estamos, a repetência marca o êxito da escola em reter as crianças reprovadas.
10. Os problemas do 1º Grau não têm causa única e não serão resolvidos por providências únicas e heróicas. O que precisam é o olho do dono. Quando as melhores cabeças e os melhores gerentes se preocuparem bastante, os problemas irão misteriosamente desaparecendo.

11. Os problemas do ensino têm seu foco no professor. Melhor remunerá-los é providência que não pode estar fora de qualquer estratégia de longo prazo. Todavia, a enormidade dos recursos para tal sugere que a prazo mais curto devemos também cuidar de coisas menos dispendiosas mas de consideráveis impactos sobre o aprendizado. Por exemplo, pior que ter um mau professor é ter aluno sem livro e com mau professor.
12. O Segundo Grau está sendo esquecido nas verbas e na atenção. Perderam seus recursos para baixo (1º Grau) e seus melhores professores para cima (Universidade).
13. Cumpre recuperar algumas linhas prioritárias para o 2º Grau: O ensino de ciências deveria ser esse foco. Com os professores, livros e descaso pelo assunto vigentes, estamos condenados a uma inevitável mediocridade científica. Hoje a ciência está cada vez mais próximo da tecnologia e esta mais próxima das atividades econômicas. Daí a enorme importância de um sólido ensino científico-tecnológico, hoje só conseguido pelo SENAI que está fora do sistema formal.
14. A crise das TV's educativas parece ligada à sua excessiva ênfase na programação cultural e na emulação dos canais comerciais. A TV educativa deveria voltar a ensinar. Nessa direção, o ensino de ciência deveria ser o seu uso privilegiado. Ali são integralmente aproveitados todos os potenciais do meio.
15. O papel da universidade pública é de atender à sociedade mais do que a professores ou alunos. Hoje ela está desleixada, ineficiente e desmotivada. Mas há uma centelha de recuperação. Note-se que há diversas instituições excelentes, trabalhando com as mesmas condições que as outras.

16. Após 20 anos de crescimento 3 a 5 vezes mais rápido do que a criação de postos de trabalhos tradicionais, sobra gente para essas posições. Produzir ainda mais gente do mesmo calibre não deve ser a meta da universidade pública. O grande desafio é a excelência, criatividade e capacidade crítica (não é capacidade de produzir ruído).
17. Com uma proporção crescente de universitários realizando tarefas inespecíficas e de configurações indefinidas, há uma desprofissionalização das carreiras seguidas por pessoas com diplomas profissionais. Tal tendência é inevitável, observável em quase todos os países e em nada perversa. Ocupações mais simples passam a poder dispor de pessoas treinadas a nível universitário. Não há evidências de que os quatro anos universitários não tragam benefícios. Contudo, dada a gravíssima situação em outros níveis educacionais, a preparação para esses postos deve ser prioridade menor da universidade pública.
18. O Estado deve resistir à tentação de interferir no direito das partes de contratar serviços educacionais. Deve ser seu papel evitar o abuso do poder econômico e evitar que se compre gato por lebre. Igualmente, deve criar incentivos à qualidade. Por outro lado não deve se meter além disso. Saturação da demanda e preços são questões para resolverem as partes. Se o Estado permite que monopólios e um capitalismo selvagem lidem com os mais ignorantes e desamparados, por que considerar incapazes de decisões educacionais inteligentes os 5% mais educados do país — que são os admitidos no ensino superior?

19. A pós-graduação é uma oportunidade tardia e excessivamente dispendiosa para pleitos de justiça social. Excelência deve ser a única prioridade decisiva. As ilhas de excelência da pós-graduação constituíram-se no que a educação formal brasileira hoje tem de melhor. Cumpre reforçar a qualidade, eliminar a ineficiência e lidar realisticamente com a mediocridade. Os grupos de pesquisa desenvolvem-se como plantas raras de delicado e desconhecido metabolismo e não como trapiches onde se descarregam e se armazenam doutores. E em época de crise vale sempre o dito de que grupos de pesquisa levam 10 anos para se criar e podem ser destruídos em dez dias.
20. Deve haver uma política científica com canais próprios e recursos próprios - não se pode arriscar perder esta ênfase e zelo na gigantesca máquina educativa. E em grande medida, ciência produz-se na universidade. Todavia, a longo prazo a ciência é para a sociedade. Colimar a pesquisa para interesses maiores é tarefa difícil e que nem pode ser abandonada e nem deixada para burocratas.
21. A tecnologia deve ser vista como um ramo da indústria mais do que da ciência. Deve ser parte de uma política industrial já que é uma "indústria de geração de tecnologia". A política tecnológica é mais uma questão de proteção e reservas de mercado do que de programas e fundos. A articulação da ciência e da tecnologia é a questão mais árdua e mais complexa, diferenciando mesmo entre países industrializados.

Os grandes males resultam, por certo, do que se deixou de fazer mas, também, de continuar fazendo errado o que se sabe que está errado (p.ex. currículos demasiado extensos no 1º e 2º grau); a educação reservada para a elite era melhor do que a massificada de hoje.

Não é pouco gastar 4% a 5% do PIB em educação, principalmente se se gasta mal e nos programas menos prioritários. O nó da questão da política educacional global é como reciclar o perfeil do gasto público em educação, por ramos e níveis e por níveis de governo.

A rigor nenhum programa de alfabetização "perse" deu resultados significativos (em massa) e duradouros. Ou há uma política realista e necessária (política e socialmente) de educação de adolescentes e adultos não-escolarizados, sub-educados e que têm consciência da sua carência educativa, ou resvala-se para encenações que impingem pífios programas de "ensinar a desenhar o nome". Por certo há consideráveis contingentes de trabalhadores urbanos, em ramos mais ou menos dinâmicos, que sentem o peso da sub-educação (o MOBREAL já detectou alguns casos) e não encontram nada que os interesse no circo do "supletivo".

O drama dos programas de "pré-escola" é o mesmo de todos os outros que assumem feições de novidade; eles estão espalhados tanto onde são realmente necessários e eficazes, como onde não o são; daí pulverizãm-se recursos escassos, tornando-os insuficientes ali onde poderiam ser mais bem utilizados e excessivos onde servem apenas para engordar as estatísticas de façanhas burocráticas.

A questão das las. séries está um pouco mitificada; creio que aí há três questões fundamentais: a) é um erro grosseiro pensar que a função da la. série limita-se a alfabetizar; ao contrário, ela deveria globalizar e integrar um processo de iniciação aos "ritos" escolares de aprendizagem e desenvolvimento da capacidade de conhecer organizadamente o mundo; b) não há um "problema das las. séries" desvinculado do todo da escolarização elementar obrigatória; sua estrutura deve ser concebida como parte de outra maior (e melhor do que a nossa abastardada "escola de 1º grau"); c) a troca da la. série por uma "la. etapa" ou por promoção recorrente é um passo mas não a caminhada; é preciso ir mais a fundo a nova estruturação do processo de iniciação escolar, concentrando mais e melhores professores, arranjando mais espaço-tempo para o contato aluno-ambiente escolar e métodos e meios didáticos mais eficazes (valeria trocar a frescura dos altos doutrinanismos das Faculdades de Educação, por estudos mais realistas de como resolver os problemas concretos da sala de aulas).

Tanto a evasão como a repetência são atos burocráticos que dependem da capacidade física da escola e dos estranhos critérios de avaliação adotados pelos professores, supervisores e diretores; maior atenção para o nexu entre plano de ensino e métodos de avaliação, com maior controle ou estímulo para o professor operá-lo de verdade, poderiam dar conta destes tropeços dos fluxos escolares.

Bons professores e bons gerentes são necessários; mas não se confie em que apenas sua habilitação técnica baste; eles precisam estar engajados numa "campanha de recuperação do valor social da escola" e não apenas empurrados por um movimento burocrático. Isto é que é o mais difícil de se conseguir.

O 2º grau precisa ser reencontrado. Perdeu-se nos labirintos da profissionalização e não foi encontrado até hoje. Talvez seja bom que se perca aquela antiga escola enciclopédica e ritualista, a que chamávamos de ensino secundário e pretenciosamente "clássico ou científico"; nem permitia entender a cultura clássica (donde os verborrágios bacharéis de sa-raus) nem chegava a despertar curiosidade científica nas escolas sem laboratórios e professores adequados ao estudo de cada disciplina (biologia, física, química, desenho), nem com a matemática mínima para comunicar-se nestes campos. E em ambos os casos, sem entender a sociedade em que estes conhecimentos poderiam ser úteis. Um currículo mais compacto (informação há por toda parte e se perde quando cristalizada em livros-texto e apostilas) e maior confiança em que o adolescente tem alto potencial de auto-aprendizagem, podem ser bons pontos de partida para uma terminalidade sem habilitação específica e, simultaneamente, para preparar para prosseguimento de estudos.

Não há um rumo do sistema que seja a TVE; o dia em que entenderem que TVE e rádio e EPC são meios para melhorar o desempenho de políticas de ensino (em cada nível ou modalidade) e não as próprias políticas de ensino, deixaremos de gastar dinheiro em "hobbies" de técnicos e "especialistas" de uma especialidade que não existe.

Tanto quanto a sociedade brasileira e heterogênea e desequilibrada (setorial, social e regionalmente) também o serão as estruturas de ensino e principalmente as de ensino superior. São idéias que não se concretizam, as de que a Universidade não é uma grande escola profissional (no máximo conteria alguns cur

ou processos profissionalizantes específicos); as escolas isoladas se organizam e pensam que são escolas profissionais, mas não têm meios para sê-los com boa qualidade e nem seus alunos fazem muita questão disto; e em todos os casos não há como prever "demanda de m.o" nem mesmo o perfil de cada ocupação que esteja procurando ocupantes nos próximos cinco a dez anos. Todos estão convencidos de que escola ensina e fábrica ou escritório fazem trabalhar, mas insistem em fazer trabalhar na escola, para depois ter que ensinar no local de trabalho.